

O QUE É PURGATÓRIO

O Compêndio do Catecismo da Igreja Católica diz que: «*o Purgatório é o estado dos que morrem na amizade com Deus, embora seguros da salvação eterna, precisam ainda de purificação para entrar na alegria eterna de Deus*» (nº 210)

A palavra «purgatório» não se encontra na Sagrada Escritura, como também não se encontram nela as palavras «sacramento da confissão», «Eucaristia» ou «Crisma». A Igreja sabe que as almas santas que se purificaram durante a vida terrena são destinadas ao Paraíso. As almas das pessoas que morrem em estado de pecado grave, são destinadas ao Inferno. As almas de outras pessoas que não se purificaram o suficiente durante a vida terrena e que não merecem a condenação do inferno, passam pela purificação do Purgatório, antes de serem admitidas à felicidade eterna do Paraíso.

A Bíblia descreve situações, estados ou lugares que se identificam com a ideia de purgatório.

No 2º Livro dos Macabeus lemos:

«mandou fazer uma colecta, recolhendo cerca de duas mil dracmas, que enviou a Jerusalém, para que se oferecesse um sacrificio de expiação pelo pecado, uma ação nobre e santa inspirada na ressurreição; porque, se não esperasse que os mortos ressuscitariam, teria sido vão e supérfluo rezar por eles. Ele acreditava que uma bela recompensa aguarda os que

morrem piedosamente. Era este um pensamento santo e piedoso. Por isso pediu um sacrifício expiatório, para que os mortos fossem livres das suas faltas». (2Mac 12,43-46)

Na primeira Carta aos Coríntios, lemos:

«[...] Aquele, cuja obra (de ouro, prata, pedras preciosas) sobre o alicerce resistir, esse receberá a sua paga, aquele, pelo contrário, cuja obra, (de madeira, feno ou palha), for queimada, esse há de sofrer o prejuízo; ele próprio, porém, poderá salvar-se, mas como que através do fogo.» (1Cor 3, 12-15) A Tradição Apostólica entendia o fogo do purgatório.

As palavras de Jesus supõem a existência do Purgatório:

«Põe-te depressa de acordo com o teu adversário, enquanto estás ainda em caminho (da vida) com ele; a fim de que teu adversário não te entregue ao juiz, e o juiz ao guarda, e sejas metido na prisão. Em verdade te digo: Não sairás de lá, enquanto não pagares até o último centavo». (Mt 5, 25-25)

Jesus está a falar do justo juízo divino, depois da morte; mas, quando diz *«não sairás de lá, enquanto não pagares o último centavo»*, isto só pode acontecer na prisão passageira do purgatório. Esta é a interpretação da Igreja, desde as origens até aos nossos dias.

«Eu vos digo: no dia do Juízo os homens prestarão contas de todas as palavras que tiverem proferido». (Mt 12, 36)

«o operário cuja obra resistir, receberá a sua recompensa. Aquele, porém, que tiver a sua obra queimada, perderá a recompensa. Entretanto, o operário salvar-se-á, mas como alguém que escapa do incêndio» (1Cor 3, 10-15)

O povo de Israel costumava orar pelos mortos para que fossem libertos dos seus pecados. A Igreja continuou a orar pelos mortos, confirmando a existência do Purgatório. O

segundo Concílio de Niceia (ano 787) falou do Purgatório, como também o Concílio de Florência (1438-1445), o Concílio de Trento (1545-1563) e o Concílio Vaticano II.

Este último Concílio, na Constituição Pastoral *Lumen Gentium*, afirma:

«Esta venerável fé dos nossos maiores acerca da nossa união vital com os nossos irmãos que já estão na glória celeste ou que, após a morte, estão em purificação, acete-a este Concílio com muita piedade e de novo propõe os decretos dos sagrados Concílios Niceno II, Florentino e Tridentino». (LG 51)

O Catecismo da Igreja Católica ensina:

§1031 «A Igreja denomina Purgatório esta purificação final dos eleitos, que é completamente distinta do castigo dos condenados. A igreja formulou a doutrina da fé relativa ao Purgatório sobretudo no Concílio de Florença (DS 1304) e de Trento (DS 1820;1580). Fazendo referência a certos textos da Escritura (1Cor 3, 15; 1Pe1,7; Mt 12,31; Mt 5,26), a tradição da Igreja fala de um fogo purificador: o que concerne a certas faltas leves, deve-se crer que existe antes do juízo um fogo purificador».

§1030 «*Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não estão completamente purificados, embora tenham garantida a sua salvação eterna, passam, após sua morte, por uma purificação, a fim de obterem a santidade necessária para entrarem na alegria do Céu. A Igreja chama Purgatório a esta purificação final dos eleitos*»

O testemunho dos padres da Igreja

Os Padres da Igreja do Oriente e do Ocidente falam do costume que os cristãos tinham de orar pelos defuntos no aniversário da sua morte que era considerado o dia do nascimento para o Céu. Por exemplo, Tertuliano (+ 160, +240) diz o seguinte:

«Nós oferecemos todos os anos, em dia determinado, o sacrifício pelos mortos como pelo dia do seu nascimento» e «A viúva crente reza pela alma do seu esposo, reza por ele que está no repouso esperando, para que tenha parte na primeira ressurreição, e oferece por ele as suas orações no aniversário da sua morte».

Santo Ambrósio de Milão pronunciou uma oração fúnebre pelo imperador Teodósio, na qual diz:

«Dá ao Teu servo Teodósio o repouso perfeito, esse repouso que Tu preparaste para os santos... Eu amei-o; por isso quero segui-lo na terra dos vivos. Não o abandonarei até que o chame na santa Montanha de Deus».

Um dos testemunhos mais tocantes sobre o Purgatório é, com certeza, o de Santo Agostinho (séc V.I Ele relata que a sua mãe, chegada a hora da morte, lhe fez este último pedido:

«Sepulta o meu corpo em qualquer lugar, não importa onde; não te preocupes com ele. Mas peço-te somente que, onde quer que estejas, te lembres de mim no altar do Senhor».

Este pedido inspirou nele uma ardente súplica:

«Por isso Te imploro, ó Deus do meu coração, pelos pecados da minha mãe. Que ela repouse em paz com o seu marido... E inspira, Senhor, aos teus servos meus irmãos, que eu sirvo pela palavra, pelo coração e pela escrita, a todos os que

lerem estas linhas, que lembrem no Teu altar, a Tua serva Mónica».

Tertuliano escreve:

«A esposa roga pela alma de seu esposo e pede para ele refrigério, e que volte a reunir-se com ele na ressurreição; oferece sufrágios todos os dias aniversários de sua morte» (De Monogamia, 10).

S. Gregório Magno (540-604), Papa e doutor da Igreja:

«No que concerne a certas faltas leves, deve-se crer que existe antes do juízo um fogo purificador, segundo o que afirma Aquele que é a Verdade, dizendo que se alguém tiver cometido uma blasfêmia contra o Espírito Santo, não lhe será perdoada nem no presente século nem no século futuro (Mt 12,31). Desta afirmação podemos deduzir que certas faltas podem ser perdoadas no século presente, ao passo que outras, no século futuro». (Dial. 41,3).

O testemunho dos primeiros cristãos

Nas antigas catacumbas romanas encontramos inscrições que confirmam a fé dos primeiros cristãos na existência do purgatório. Por exemplo, nas catacumbas de S. Calisto, às portas de Roma, encontramos a seguinte inscrição:

«Nas vossas orações pensai em nós que vos precedemos»; e a resposta dos fiéis: «Que a luz eterna brilhe sobre ti em Cristo».

Podemos dizer, que o hábito de oferecer orações e sacrifícios pela alma dos parentes defuntos, profundamente enraizado no judaísmo, continuou vivo na Igreja primitiva e continua, sem nenhuma interrupção, até aos nossos dias.

Este facto confirma e testemunha a crença de que, depois da morte, existe um estado chamado intermedio, entre

paraíso e inferno, chamado purgatório, ou fogo purificador.

Um livro de orações, muito usado pelos judeus da América, contém a seguinte fórmula de oração para as cerimónias fúnebres:

«Irmão desaparecido, possas tu encontrar as portas do céu abertas e ver a cidade da paz e o lugar de delícias da segurança; que os anjos venham apressadamente ao teu encontro para te servir; que o Sumo Sacerdote se apreste a acolher-te. Vai até ao fim; repousa em paz e ressuscita para a vida. Que a estadia no lugar de delícias do céu seja o quinhão, a morada e o lugar de repouso da alma do nosso irmão defunto; que o Espírito do Senhor o conduza ao paraíso, a este irmão que saiu deste mundo por vontade de Deus, Senhor do céu e da terra. Que o grande Rei dos Reis, na Sua misericórdia infinita, o esconda à sombra das suas asas. Que o desperte no fim dos seus dias e o sacie na torrente das Suas delícias».

Este ensinamento apoia-se também na prática da oração pelos defuntos, da qual já a Sagrada Escritura fala:

«Eis porque ele [Judas Macabeu] mandou oferecer esse sacrifício expiatório pelos que haviam morrido, a fim de que fossem absolvidos de seu pecado» (2 Mac 12, 46). (CIC 1032)

A Igreja desde sempre honrou a memória dos defuntos e ofereceu sufrágios em seu favor, em especial o sacrifício eucarístico (DS 856), a fim de que, purificados, possam chegar à visão beatífica de Deus. Além da oração e da Santa Missa, a Igreja recomenda também as esmolas, as indulgências e as obras de caridade e de penitência pelas almas dos defuntos.